

# Pastoral

Ano XXXIII • Nº 328 • Setembro/Outubro de 2023

## Cumpriu-se a obra de um grande evangelista



A Igreja no Brasil e Arquidiocese de Mariana se despediram em 26 de julho de Dom Geraldo Lyrio Rocha. Pastor desta Igreja Particular por onze anos e Ex-presidente da CNBB, nesta edição, o Jornal Pastoral presta uma homenagem ao Arcebispo.

## Editorial

### Os três “S’s”: Saudade, Sinodalidade e Sagrada Escritura

Prezado (a) leitor (a), no mês de julho fomos surpreendidos com o repentino falecimento do Arcebispo Emérito de Mariana, Dom Geraldo Lyrio Rocha. Mesmo cientes de que a “vida é como um sopro” e que todos, um dia, devemos passar pela morte, nunca estamos preparados para enfrentá-la. Contudo, para nós que temos fé, a morte não é trágica.

O próprio Dom Geraldo afirmara, certa vez, que “termina a vida terrena, mas a vida do Espírito... esta permanece. Jesus passou pela morte para chegar à ressurreição. Nós também passaremos pela morte para chegarmos à plenitude da vida na ressurreição. Creio na vida eterna. Creio que Jesus Cristo ressuscitou. Creio em nossa ressurreição”.

Belas e sábias palavras do Arcebispo! Palavras que consolam, enchem o coração de esperança e alimentam a saudade de um homem tão forte e sereno. Hoje, para nós, fica a saudade, mas não deve ser uma saudade estagnante, pois, os ensinamentos deixados por Dom Geraldo devem ser continuados e, por isso, nós que o conhecemos e o amamos devemos prosseguir com seu legado.

Nessa edição, damos destaque à figura desse grande prelado, buscando inspiração em suas virtudes e confrontando com o que estamos vivendo ou com o que viveremos. A Arquidiocese de Mariana está vivendo sua 30ª Assembleia de Pastoral e, em conformidade com o próximo Sínodo, trabalharemos a “comunhão e participação”, método extensivamente vivido e trabalhado por Dom Geraldo.

Como sabemos, ele sempre buscou a colegialidade, escutando as instâncias e os leigos, envolvendo a todos e não ficava parado, mas sempre em caminho, em missão. Era verdadeiramente um homem com “estilo sinodal”! Que a sua vida e testemunho ajude-nos a vivenciar a próxima Assembleia de Pastoral.

O mês de setembro é, comumente, celebrado como o mês da Sagrada Escritura, da Bíblia. Neste ano, a proposta é refletirmos a partir do Livro aos Efésios e tentando unir esses nossos momentos, destacamos dessa carta o tema da Unidade, tão caro e importante para os nossos tempos. O que constrói ou gera a unidade? Técnicas? Estratégias de marketing? Claro que não! Mas, uma experiência... a experiência com o Ressuscitado. Que a Sagrada Escritura seja para nós uma fonte de vida, verdade e profetismo. Que a nossa vida seja uma exegese, um desvelamento vivo da Palavra de Deus.

Trazemos, também, uma boa melodia para os nossos corações, a fim de cantarmos a liturgia e para que a liturgia cante em nós as maravilhas do Senhor. E, por fim, como estamos falando de bons testemunhos, a vida e ministério de Monsenhor Horta devem ser ainda mais conhecidos. Completou-se 90 anos da sua páscoa definitiva. A memória deste homem de Deus também não deve ser esquecida! Perpetuamos as boas memórias e cultivamos um coração agradecido a Deus por tantos bens a nós ofertados.

Em nome de toda equipe do Jornal Pastoral e do Departamento Arquidiocesano de Comunicação da Arquidiocese de Mariana (Dacom), registramos a nossa gratidão ao Padre Harley Carlos de Carvalho Lima, que durante os últimos anos foi o diretor do nosso jornal. Que o bom Deus continue abençoando a sua vida e ministério e que Nossa Senhora de Nazaré seja a sua protetora!

A vocês leitor e leitora, desejamos que façam uma boa leitura do nosso jornal e nos ajudem a comunicar essa iniciativa do coração de Deus e que Ele sempre nos abençoe!

## Expediente

**Diretor:** Pe. Robson da Cunha Chagas

**Conselho Editorial:** Pe. José Geraldo de Oliveira, Edina da Silva, Ester Trindade, Mônica Moraes, José Euzébio de Oliveira, Durval Batista Roque, Pe. Robson da Cunha Chagas.

**Jornalista responsável:** Thalia Gonçalves

**Reportagens:** Thalia Gonçalves - MTB 0022072/MG

**Diagramação:** Editora Dom Viçoso | (31) 3557-1233 | www.graficadomvicoso.com.br

**Revisão:** Pe. Paulo Barbosa, Laene Medeiros e Thalia Gonçalves

**Colaboradores:** Pe. José Geraldo de Oliveira, Pe. Luiz Faustino dos Santos, Mons. Celso Murilo Souza Reis

**Endereço:** Rua Direita, nº 102 – Centro, CEP: 35420-060 – Mariana (MG). Telefone: (31) 3557-1237

**E-mail:** dacom@arqmariana.com.br | **Site:** www.arqmariana.com.br

Fundado em fevereiro de 1991, em Mariana/MG.

## Visão pastoral

# Projeto Arquidiocesano de Evangelização e Sínodo dos Bispos

**Pe. José Geraldo de Oliveira**

Coordenador Arquidiocesano de Pastoral

É com esperança e alegria que, passado esse tempo mais turbulento causado pela pandemia do novo coronavírus, veem-se as comunidades, pastorais, movimentos religiosos e agentes retomarem suas atividades. Foram tempos difíceis, mas que nos trouxeram também um grande aprendizado. A evangelização não parou. A seu modo e com os meios disponíveis, cada um procurou fazer o que foi possível para que a Igreja não interrompesse a sua caminhada. Dentre as atividades realizadas nesse período, pode-se destacar o Projeto Arquidiocesano de Evangelização (PAE) e a escuta do Sínodo 2021-2024.

O Projeto Arquidiocesano de Evangelização representa a Igreja com a imagem da casa. A Igreja comunidade deve ser como a casa: de portas abertas para acolher quem chega (Igreja acolhedora) e de portas abertas para sair ao encontro dos afastados e distantes (Igreja em saída). Como toda casa é sustentada por quatro pilares, assim a ação evangelizadora da “Casa Igreja” é sustentada também por quatro pilares: Palavra, Pão, Caridade e Missão.

Nas pistas de ação do Projeto, abrem-se espaços para a acolhida e a participação de todos, sem preconceitos e discriminações, (como na casa) como Igreja acolhedora e missionária. Deve ser luz para iluminar nossa ação evangelizadora e inspiração para os projetos de nossos grupos de pastorais e movimentos. Isso supõe que o PAE deve ser prioridade em relação a outros projetos elaborados pela coordenação nacional ou regional dos movimentos e pastorais.

Como na casa, todos devem ter oportunidade de ouvir e ser ouvido. A Igreja quer escutar. A escuta do Sínodo veio mostrar que o PAE tem as propostas de ação que respondem aos anseios daqueles que foram ouvidos. Portanto, a sua efetivação é instrumento de evangelizar, de modo que a mensagem da Igreja chegue a todos, indistintamente.

Embora o Sínodo dos Bispos ainda esteja em sua etapa final de preparação, bons frutos já se podem colher nas comunidades. Houve toda uma preparação das pessoas que receberam a missão de “escutar”, em nome da Igreja. Tanto os que escutaram quanto

os que foram ouvidos saíram enriquecidos. Algumas percepções do trabalho da escuta:

1. As pessoas querem falar. É preciso ter a humildade e a paciência de ouvir, não só os fiéis que participam da vida da comunidade eclesial, mas também os distantes, afastados e não crentes, sem preconceito nem discriminação; sem apagar o pavio que ainda fumeja nem quebrar a cana que já está rachada. (Is.42,3)

2. A escuta do Sínodo mostrou muitos desafios a enfrentar, mas também muita coisa boa que as comunidades têm feito, não só no campo da evangelização, mas também dentro da sociedade, como sinal de transformação.

3. Há muita gente querendo participar, mas não encontra o jeito adequado. Isso exige que se abram espaços de participação para todos, sem discriminar nem excluir ninguém, mas acolhendo e abraçando a todos.

4. Hoje, se compreende que é preciso caminhar juntos, respeitando as diferenças e tendo uma meta em comum, que é construir um mundo onde todos tenham vida com dignidade.

## Opinião

# Podemos ser melhores...

**Pe. Luiz Faustino dos Santos**

Granada, Abre Campo, MG

Estamos no terceiro ano do Sínodo convocado pelo Papa Francisco com o Tema: “Por uma Igreja Sinodal: comunhão, participação, missão”. Esse Sínodo, diferente dos demais, começou na base, escutando o povo nas pequenas comunidades e nos diversos setores da sociedade. Que maravilha! Uma Igreja que sai ao encontro dos outros, quaisquer que sejam eles. A síntese da escuta foi feita pelas paróquias, passou pelas regiões pastorais e pelos regionais da CNBB que preparou a síntese final a ser encaminhada para Roma.

Convidamos o/a leitor/a para uma reflexão sobre as três palavras que podem fazer crescer a comunidade cristã; ou, talvez, mudar completamente a visão cristã de alguns católicos. As três palavras, Comunhão – Participação – Missão, podem transformar a comunidade.

A primeira palavra é comunhão. Acostumamos com essa palavra nos referindo à Comunhão Eucarística. Quando Jesus conta a parábola da videira (cf. Jo 15,1-6), Ele deixa claro que, quando nos unimos a Ele, devemos estar unidos aos/às irmãos/ãs. Só assim produziremos frutos. Estamos em comunhão com as pessoas da nossa comunidade? Por

que digo sim ou digo não? Será que recebendo a hóstia consagrada, fazemos comunhão com Cristo? É possível estar em comunhão com Cristo sem estar em comunhão com as pessoas na comunidade?

A segunda palavra é participação. São Paulo disse que somos membros de um corpo (parte de um corpo) que se chama Igreja. Esse corpo tem uma cabeça que se chama Jesus Cristo (cf. 1Cor 12,12-27). Estar em comunhão com Jesus é estar ligado à cabeça deste corpo, a Igreja de Jesus. Um corpo sem cabeça não tem vida, uma Igreja sem participação é morta. Não é possível comungar com Jesus, se não comungar com a comunidade; mesmo que receba Jesus na Eucaristia. Judas recebeu o Pão na primeira Missa (última ceia), mas não estava em comunhão com Jesus e com seus companheiros.

A terceira palavra é missão. Vemos que o tema do Sínodo nos aponta o caminho: caminhar juntos, dar passos; estar no mesmo caminho: na comunidade; tomando parte na vida: da comunidade; realizando a missão nossa de cada dia: em comunidade. Costuma-se dizer que a salvação é uma decisão pessoal. Sim, a decisão pode ser pessoal, mas a concretização desta salvação só acontece na comunidade (cf. Mt 25,31-46). Portanto, a decisão pessoal deve ser ir para a comunidade, onde Jesus está vivo: na Eucaristia, na comunidade organizada e na ação missionária.

# Sínodo 2021-2024: o caminho já percorrido

A Igreja vive, desde outubro de 2021, o processo sinodal para a 16ª Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, a ser realizada em duas etapas, em outubro deste ano e outubro de 2024. Para esse Sínodo, o Papa Francisco trouxe como novidade a participação de todas as pessoas por meio do processo de escuta, dividido em três fases: diocesana, continental e universal.

Com o início da primeira sessão mundial no dia 4 de outubro, o **Jornal Pastoral** conversou com a Presidente do CNLB no Regional Leste 2 e Contato Sinodal da Arquidiocese de Mariana, Leci Conceição do Nascimento, sobre o caminho percorrido até aqui.

Thalia Gonçalves



MATEUS FRANÇA

**Jornal Pastoral: Como você avalia a iniciativa do Papa Francisco de envolver todas as pessoas, clérigos e leigos, cristãos e não cristãos, no processo para o próximo Sínodo dos Bispos?**

**Leci:** Sempre me chamou atenção perceber que ao longo da história da Igreja, em momentos de grandes sofrimentos e desafios, há uma ação grandiosa do Espírito Santo. Sinto que vivemos um tempo desse. Avalio como um tempo de graça, o desejo de acertar no que se vai realizar e fazer acontecer verdadeiramente a Igreja de Jesus Cristo. Vejo como a oportunidade de viver o pedido insistente do Papa Francisco, [de ser] uma Igreja em Saída, caminhando junto, harmonicamente, sem excluir ninguém, levando alegria e esperança para as periferias existenciais e territoriais. Somente assim, saberemos verdadeiramente quem tem fome: fome de comida, de justiça, de igualdade, de sentir-se filhos e filhas muito amados de Deus.

**Jornal Pastoral: Na fase diocesana do Sínodo, as Igrejas Particulares foram convidadas a promover o processo de escuta em suas paróquias e comunidades. Como você avalia o modo como ocorreu na Arquidiocese de Mariana e as questões apresentadas na síntese?**

**Leci:** Avalio de forma muito positiva o processo sinodal em

nossa Arquidiocese. A escuta ocorreu em um momento ainda pandêmico, com muitas dificuldades de locomoção, pouco tempo, apenas de março a junho de 2022, mas aconteceu em 115 paróquias e alguns grupos específicos como a Pastoral Afro-Brasileira, a juventude, escolas e universidades, população em situação de rua, Seminário São José, religiosos (as), diáconos e mais de 80 respostas no questionário on-line.

Para facilitar o entendimento e a participação de todos, a Equipe de Animação Diocesana do Sínodo, nomeada em novembro de 2021, optou por conservar as duas questões propostas pelo Documento Preparatório (*Vade mecum*) para serem respondidas pelos grupos que faziam parte da estrutura eclesial da Igreja e preparou outro questionário, com uma linguagem mais simples, para facilitar o contato e entendimento dos não católicos e os que se declaram sem fé. Ambos os questionários foram disponibilizados no site da Arquidiocese de Mariana para serem respondidos de modo on-line.

**Jornal Pastoral: Qual é a importância de ter realizado essa escuta nas paróquias, comunidades, pastorais e movimentos arquidiocesanos? A partir do que foi ouvido, o que se deve fazer com o relatório gerado?**

**Leci:** A importância se dá na

compreensão desse processo. Colocar-se em escuta é dizer que a pessoa tem valor, tem dignidade, é reconhecida. Além disso, uma oportunidade de escutar os anseios, as dores, as alegrias e tristezas, as expectativas do povo; ver como estamos caminhando, quem são nossos companheiros, se somos mesmo uma Igreja que acolhe, se temos sido acolhidos, cuidados, com quem estamos dialogando; ver a nossa participação, comunhão, as celebrações, o que podemos realizar sob a inspiração do Espírito Santo. Tivemos a participação de 85% das paróquias da Arquidiocese. Para nós, da Equipe Sinodal, [exigiu] muito comprometimento diante da responsabilidade de colocarmos no papel, fiel e resumidamente, a fala das pessoas que foram escutadas, pois sabemos a importância de se ter voz.

No dia 23 de julho de 2022, aconteceu a reunião pré-sinodal em Ouro Preto, um momento muito rico de celebração do Sínodo no qual foi apresentado o relatório final para aprovação, feitas as contribuições necessárias. Esse relatório, aprovado pelos representantes arquidiocesanos e enviado à CNBB, é um importante instrumento de estudo e aprofundamento, no âmbito eclesial e pastoral, para a caminhada da Igreja Particular de Mariana. Nosso desejo é que cada Paróquia, Forania, Região Pastoral, a Arquidiocese e os grupos que participaram do processo de

escuta retornem aos relatórios, confrontem com as propostas do Projeto Arquidiocesano de Evangelização (PAE) e vejam como foi a inspiração ao chamado do Espírito Santo à Igreja no contexto local. Isso fará um grande bem para a vida do povo e a caminhada de evangelização da Arquidiocese.

**Jornal Pastoral: A segunda fase do Sínodo foi a Etapa Continental, quando as dioceses foram novamente convidadas a participar, mas, dessa vez, somente a Equipe Sinodal e o bispo. O que significou essa nova escuta e em que ela se difere da realizada anteriormente? Foi gerado algum documento?**

**Leci:** As dioceses foram convidadas a responder a um novo momento de escuta, motivadas por três questões apresentadas pelo Documento de Trabalho para a Etapa Continental (DEC). Esse teve como objetivo ver, a partir do que fizemos anteriormente, quais intuições ecoaram de modo mais intenso nas Igrejas do nosso continente, quais experiências nos pareceram novas ou iluminadoras, se percebemos tensões ou divergências substanciais com relação ao continente e também nos propôs um olhar para as prioridades que podem ser compartilhadas com outras igrejas locais e no mundo. O que diferenciou essa escuta da realizada anteriormente foi o fato de a participação ser apenas

da Equipe de Animação para o Sínodo e do Bispo Diocesano. Essa etapa produziu uma síntese, que foi encaminhada para a Equipe Nacional de Animação do Sínodo por Dom Airton.

**Jornal Pastoral: Como foi a participação da Arquidiocese nessa segunda fase? A escuta da Equipe de Animação para o Sínodo e do Arcebispo substitui a escuta realizada anteriormente nas paróquias e comunidades?**

**Leci:** Disponibilizamos para os membros da Equipe o DEC e orientamos que cada um fizesse a leitura e respondesse às três questões propostas. Em seguida, elas foram apresentadas ao Arcebispo, que fez a leitura do material recebido, avaliou e refletiu as questões juntamente com a equipe, e elaborou a Síntese da Arquidiocese – Fase Continental. A Síntese Continental não substitui a Arquidiocesana. São propostas diferentes.

Na fase Diocesana, fizemos uma ampla consulta ao Povo de Deus, com o olhar na Arquidiocese; na segunda fase, o nosso olhar se dirigiu ao Continente. Ela inclusive tem como inspiração a frase: “Alarga o espaço da Tua Tenda, estende sem medo as lonas que te abrigam, e Estica tuas cordas, finque bem as tuas Estacas” (Is 54, 2). Essa citação foi lançada com o desafio de alargar o espaço da Tenda, abrir mais o caminho da Igreja ao acolhimento, a outras contribuições e à diversidade de opiniões.

# A música litúrgica

CAIO AMORA



## Pe. Johny Sales

Vigário da Paróquia Nossa Senhora da Assunção, em Mariana, MG

A ação litúrgica é constituída de vários elementos que são indispensáveis para uma plena e ativa participação dos fiéis. Entre eles, está a música, parte importante da liturgia. “A tradição musical da Igreja universal constitui um tesouro de valor inestimável que se destaca entre as demais expressões de arte, principalmente, porque o canto sacro, ligado às palavras, é parte necessária e integrante da liturgia solene” (SC 112). Assim, a música desempenha o seu papel na liturgia quando bem executada e cantada de forma orante e solene, de acordo com a realidade de cada comunidade.

O canto litúrgico se torna palavra proclamada quando, por inspiração poética, se abre para anunciar, por meio da composição da letra, a Palavra de Deus, seja pelos salmos ou pelos versículos bíblicos que iluminam a liturgia celebrada. Por isso, quanto mais textos bíblicos tiver uma música, mais próxima da sua função ela se identifica. “O canto não é resultado da adição de uma música e de um texto. Tam-

pouco ela é o encontro ocasional da música pura e da poesia pura. Ele é um gesto humano original, no qual a palavra e o som formam uma unidade. No canto, o texto é portador de significados que a música toma emprestado, enquanto que a música, de sua parte, leva para novas e múltiplas direções o sentido das palavras. Graças à palavra, a música pode ‘nomear’ o Deus de Jesus Cristo; pela música, a voz humana tenta exprimir o inefável” (FONSECA, 2008, p. 83).

A música é, antes de tudo, oração. Os cantos devem expressar o louvor a Deus pelas suas letras e própria forma musical acompanhada, quando pedido, de instrumentos musicais. “O canto e a música desempenham sua função de sinais de maneira tanto mais significativa por ‘estarem intimamente ligados à ação litúrgica’, segundo três critérios principais: a beleza expressiva da oração; a participação unânime da assembleia, nos momentos previstos; o caráter solene da celebração” (CIC, § 1157).

É importante ressaltar que o cantor ou músico exerce uma função litúrgica dentro da Celebração Eucarística. “Entre os fiéis, exerce sua função litúrgica o grupo de

cantores ou coral. Cabe-lhe executar as partes que lhe são próprias, conforme os diversos gêneros de cantos, e promover a ativa participação dos fiéis no canto. O que se diz do grupo de cantores vale também, com as devidas ressalvas, para os outros músicos, sobretudo para o organista” (IG, 103). Por isso, a postura de quem canta na Igreja deve ser diferente daquele que se apresenta num “show”. A postura do cantor litúrgico deve ser de alguém que está servindo e sobretudo rezando com o que está fazendo. Lembremos que dentro da celebração da Eucaristia, quem deve chamar atenção é o Cristo, e não as pessoas.

Assim, a música litúrgica como parte integrante da liturgia deve ser bem preparada a fim de que a celebração transcorra da melhor maneira possível, fazendo com que a assembleia faça um autêntico encontro com Deus por meio da Celebração Eucarística. O nosso gesto de cantar tem que brotar da experiência pascal que fazemos. “É daí que precisariam brotar nossos cantos, letras, melodias, arranjos e interpretação. Cantos de quem descobriu a centralidade, a essencialidade do Mistério Pascal. Can-

tos de quem, coerentemente, engaja a própria vida nesta dinâmica de amor desencadeada pela Cruz e corroborada pela Ressurreição. Cantos que não têm outro sentido maior que o de realçar o brilho do memorial, celebrando a presença viva do Ressuscitado em todo aquele ou aquela que se doa individual ou coletivamente por amor aos irmãos e irmãs, e se consagra às causas maiores da humanidade. Cantos a serviço da proclamação do Amor como único Caminho, única Verdade, única esperança de Vida verdadeira para a humanidade, assim na terra como no céu” (FONSECA, 2008, p. 31). O centro da Liturgia é o mistério pascal do Cristo, tudo gira em torno Dele. É Dele também que deve brotar o louvor de nossos lábios, como aqueles que voltaram exultantes do encontro com o Ressuscitado.

## Referências:

- 1) Sacrossantum Concilium;
- 2) O que cantar no ciclo pascal: Quaresma, Tríduo Pascal, Tempo Pascal? (Joaquim Fonseca e Reginaldo Veloso);
- 3) Catecismo da Igreja Católica;
- 4) Instrução Geral do Missal Romano – 8ª ed. (2023).

# O adeus a um grande evangelista

*Igreja no Brasil e a Arquidiocese de Mariana se despediram, em 26 de julho, de Dom Geraldo Lyrio Rocha*

Thalia Gonçalves

A Igreja no Brasil e a Arquidiocese de Mariana, de modo especial, se despediram do Arcebispo Emérito e Ex-presidente da Conferência Nacional dos Bispos (CNBB), Dom Geraldo Lyrio Rocha que faleceu no dia 26 de julho deste ano, após cumprir a sua obra como um grande evangelista.

Comprometido com o Evangelho e o anúncio do Reino de Deus, Dom Geraldo exerceu seu ministério em missão até o último instante, quando faleceu na cidade de Altamira (PA), onde pregaria um retiro. Na cidade, o prelado sofreu um pequeno acidente, ocasionando a fratura do fêmur. Depois de dois dias hospitalizado, o Arcebispo Emérito fez a sua passagem na madrugada de uma quarta-feira.

Em missão na Diocese de Xingu-Altamira (PA), o Padre D'Artagnan de Almeida Barcelos, esteve com Dom Geraldo em seus últimos dias e compartilhou como foi esse momento: “Eu acompanhei nesse processo todo [desde a sua chegada]. Aprendi muito com ele. Posso testemunhar que ele descansou no Senhor, faleceu santamente... muitas virtudes. Admirável tudo que aprendi com ele nessa última hora. E eu, que fui padre ordenado por ele e tive as minhas mãos ungidas por ele, acabei tendo a graça de segurar as suas mãos na hora que ele partiu para a eternidade”.

Símbolo da parábola de sua vida de peregrino, como definiu o Bispo Diocesano de Colatina (ES), Dom Lauro Sérgio Versiani Barbosa, em uma das missas de corpo presente, o cortejo fúnebre de Dom Geraldo passou pelas cidades de Altamira (PA), Vitória e Colatina (ES), até chegar em Mariana (MG), onde foi sepultado na Cripta Arquidiocesana no dia 29 de julho.

## O legado para a Igreja Particular de Mariana

Tendo exercido o ministério episcopal por onze anos na Arquidiocese de Mariana (2007–2018), Dom Geraldo Lyrio Rocha deixou a todos o legado de amor, comprometimento e disponibilidade para servir.

Por ocasião de sua emeritidade e renúncia ao governo desta Igreja Particular, em artigo publicado na edição nº 291 do *Jornal Pastoral*, Dom Geraldo afirmou aquilo que seria a sua marca como Arcebispo Emérito: “o ofício eclesial se encerra, mas a missão continua”.

“Não posso negar que o coração fica apertado, pois, graças a Deus, aqui encontrei acolhida, compreensão, colaboração e muita amizade. O que me consola é que o coração não conhece distância. A amizade continua e laços da comunhão não se rompem”, disse à época.

Para o Padre Geraldo Martins Dias, que atuou como Coordenador Arquidiocesano de Pastoral durante o pastoreio do ex-presidente da CNBB, algumas características



CAIO AMORA

se destacaram no modo de ser e viver do Arcebispo Emérito. “Em primeiro lugar, Dom Geraldo [era] um homem, antes de tudo, de uma delicadeza ímpar, que dava atenção a todos [...]. Segundo lugar, um homem de uma memória fantástica, capaz de recordar a história de maneira muito tranquila. Terceiro lugar, um homem com uma capacidade de ouvir impressionante. Então, Dom Geraldo, tinha esse dom: era sempre o último a falar. E não era um ouvir por mera formalidade, [era] alguém que escutava com o coração, para usar expressão do Papa Francisco”, disse.

“Depois, Dom Geraldo era também uma pessoa muito serena, sobretudo, diante de conflitos e de suas situações aflitivas. Ele nunca se desesperava. Um homem extremamente previdente, nunca deixava as coisas para a última hora, sempre preparava com muita antecedência, uma antevisão das coisas impressionante. Então, esse é um perfil que nos faz olhar para Dom Geraldo como uma referência na vivência do nosso ministério”, enfatizou o atual Pároco da Paróquia São João Batista, em Viçosa (MG).

Essas marcas afetuosas também foram frisadas pela Irmã Maria de Lourdes Soares Duarte, religiosa da congregação das Irmãs da Beneficência Popular, que trabalhou entre dezembro de 2007 e julho de 2018 na residência Arquiepiscopal com Dom Geraldo. “Impressionava-me sua atenção, sua cordialidade, sua dedicação, seus gestos de gratidão para com as pessoas”, lembrou.

O seu carinho para com todos deixou marcas não somente no Clero Marianense, mas também para os demais diocesanos, especialmente, para o laicato. “Pastor, amigo, testemunho vivo do Cristo servidor, sempre preocupado com as ovelhas a ele confiadas. Em suas falas, sempre destacava a importância de um laicato atuante, não só no espaço eclesial, mas inserido na sociedade, fermentando, testemunhando, sendo presença viva e profética. Dizia, ainda, que somos todos corresponsáveis

na missão evangelizadora, que os ministros ordenados não são melhores ou piores que os cristãos leigos e leigas e que a diferença estava na essência de cada vocação. [...] Rogo a Deus que acolha esse Pastor e amigo admirável, que durante a sua missão foi um grande incentivador do laicato e o recompense por todo o bem realizado na Igreja do Brasil, especialmente, em nossa Arquidiocese”, testemunhou a Presidenta do Conselho do Laicato da Arquidiocese de Mariana (CLAM), Sônia Maria Barbosa.

Essas impressões também são compartilhadas pela Presidenta do Conselho Nacional do Laicato do Brasil (CNLB) no Leste 2, Leci Nascimento. “Homem da escuta, do diálogo, da motivação. Um bispo que fazia questão de acolher a todos e todas, de se fazer presente em nossos encontros e, se não pudesse participar, ligava e animava-nos na caminhada. [...] Sempre que o encontrava a primeira pergunta era: ‘como está o laicato? Precisamos cuidar bem de nossos leigos!’ Essa preocupação com os cristãos leigos e leigas se estendeu mesmo após sua aposentadoria. Ao encontrá-lo, a pergunta sempre era a mesma”, descreveu.

“Dom Geraldo, um homem de Deus, que ‘fazia a obra de um evangelista’, como dizia o seu lema episcopal. Sempre com um olhar atento à vida ameaçada, participou dos Fóruns Sociais pela Vida, clamou por ações efetivas quando o rompimento da barragem de rejeitos em Mariana, apoiou a juventude, incentivou muito a constituir o Ministério dos Leigos. Por tudo, agradecemos a Deus! A seu exemplo, continuemos firmes na missão, no serviço de fazermos uma Igreja em saída, sinodal e ministerial”, continuou Leci.

Evocando os ensinamentos e a motivação do Arcebispo Emérito de Mariana aos jovens, a Equipe Central da Pastoral da Juventude (PJ) também se manifestou sobre o seu falecimento: “Dom Geraldo demonstrou sempre esperança e confiança na juventude, sendo companheiro e

caminhando no seu meio. Como esquecer sua presença na caminhada por ocasião da Jornada Arquidiocesana das Juventudes em Mariana? Era grande incentivador e apoiador das atividades da Pastoral da Juventude, comparecendo às assembleias, seminários e DNJs, trazendo suas palavras firmes, seguras de pai e pastor. Nas comunidades que visitava, acolhia os grupos de base, oferecendo alento e apoio”, afirmaram, lembrando com carinho do apelo feito pelo prelado em Desterro do Melo, em 2013: “Não deixem a PJ morrer”.

## Respeito à memória de Dom Luciano

Por fim, outro ponto admirável em Dom Geraldo era o apreço que ele tinha com o seu antecessor, Dom Luciano Pedro Mendes de Almeida, que, assim como ele, também foi presidente da CNBB. “Era encantador ver o respeito e o carinho que tinha por Dom Luciano. Um dia [ele] me disse que sempre ao levantar, olhava para o retrato e dizia: ‘Dom Luciano, o Senhor quis que eu estivesse aqui, agora, ajude-me a vencer os desafios desta amada Arquidiocese’”, contou Leci.

“Uma das características bonitas de Dom Geraldo foi, exatamente, ter mantido viva a memória de Dom Luciano na Arquidiocese de Mariana”, declarou o Diretor da Etapa do Discipulado do Seminário São José, Padre Anderson Eduardo de Paiva. Sacerdote da primeira turma de presbíteros ordenados por Dom Geraldo, Padre Anderson ainda ressaltou uma segunda característica marcante do Arcebispo: o zelo com a liturgia.

“A ênfase, a atenção, o cuidado que ele tinha para com as celebrações, de maneira especial, para com a liturgia, para nós, naquele momento, foi uma novidade. E, ao mesmo tempo, uma forma de exercer o ministério de uma maneira muito peculiar, ensinando as comunidades, mas também aprendendo com ele pelo zelo que tinha”, concluiu.

## Giro de Notícias



CAMILA SOARES MPMG

Livros de batismos do século 18 das Matrizes de São Caetano, no distrito de Monsenhor Horta (MG), e do Inficcionado (nome antigo da Matriz de Nossa Senhora de Nazaré), em Santa Rita Durão (MG), voltaram ao Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana. No total, nove registros históricos foram recuperados pelo Ministério Público de Minas Gerais (MPMG) e devolvidos à instituição no dia 10 de agosto.



ANA PAULA MENDES DOS SANTOS

As Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) têm uma nova coordenação arquidiocesana. Em encontro realizado no dia 26 de agosto, em Barbacena (MG), foram escolhidos o novo coordenador, vice-coordenadora, secretário e vice-secretária da CEBs na Arquidiocese.



CAIO AMORA

Está disponível para venda o livro "A vida se faz história, Dom Geraldo Lyrio Rocha: memória e testemunho". Publicada pela Editora Dom Viçoso, a obra nasceu dos encontros semestrais que Dom Geraldo realizava com os seminaristas de cada uma das etapas formativas do Seminário São José, da Arquidiocese de Mariana. O livro pode ser adquirido na Editora Dom Viçoso pelo valor de R\$39,90.



LUIZ FELIPE

A Arquidiocese de Mariana celebrou no dia 1º de setembro, pela primeira vez desde a cerimônia de beatificação, a memória da Beata Isabel Cristina Mrad Campos. Em Barbacena (MG), cidade natal da Beata, centenas de pessoas participaram ao longo de todo o dia das celebrações realizadas na capela que será dedicada à Virgem e Mártir mineira.

# Dom Geraldo Lyrio Rocha: a vida se faz história

**Mons. Celso Murilo Sousa Reis**  
Professor no Seminário São José

A madrugada do dia 26 de julho de 2023 marcou o fim da trajetória terrena do estimado Arcebispo Emérito de Mariana, Dom Geraldo Lyrio Rocha. Estamos ainda impactados pelo acontecido, pois a sua disposição para o trabalho pastoral e sua firme determinação de continuar servindo à Igreja eram contagiantes. Diante da notícia da queda e fratura do fêmur, em 23 de julho, na cidade de Altamira (PA), não podíamos imaginar tão rápido e trágico desfecho.

Ainda consternados, acolhemos na fé o desígnio divino que permitiu ao seu abnegado servidor deixar-nos uma última lição com sua morte inesperada em terras missionárias. Ele morreu como viveu: realizando a obra de um evangelista, fiel ao lema que iluminou seu itinerário episcopal. Perito na "arte de celebrar" e sempre zeloso de uma liturgia ligada ao compromisso de vida, presidiu pela última vez a Eucaristia no domingo – a páscoa semanal – antecipando aquela sua entrega definitiva a Deus no dia 26 de julho, memória litúrgica de Sant'Ana e São Joaquim. O simbolismo da data foi realçado na nota de pesar emitida pela CNBB: "podemos afirmar carinhosamente que Dom Geraldo Lyrio Rocha, neste tempo de sua emeritidade, foi um avô de nossa fé e nos educou amorosamente ao seguimento a Jesus Cristo e à Igreja".

### Livro-testamento

Ao se despedir de Mariana, em 2018, por várias vezes ele repetira: "a função se encerra, mas a missão continua". Foi assim que ele prosseguiu seu ministério ao longo de cinco anos como Arcebispo Emérito, residindo em Vitória (ES), próximo aos seus familiares, mas sempre dedicado à Igreja, em tantas frentes de trabalho, sobretudo, na pregação de retiros espirituais e assessorias em várias dioceses do Brasil.

Até mesmo no tempo crítico da pandemia, impossibilitado de sair de seu apartamento durante um ano, manteve a rotina de trabalho, empenhando-se na revisão da quarta edição do Missal Romano, na atualização ortográfica da biografia de Dom Viçoso e no projeto do livro-entrevista com um grupo de seminaristas de Mariana. Essa última atividade tem um quê de providencial, pois a obra, que agora será publicada, tornou-se seu testamento espiritual.

Nela o saudoso Arcebispo nos conta toda a sua vida, a começar pelas vibrantes e detalhadas lembranças da infância em Fundão (ES) e percorrendo, com o mesmo entusiasmo, todas as etapas de sua abençoada existência. A leitura das 196 páginas dessa autobiografia, fruto da sabedoria pastoral e da personalidade marcante de Dom Geraldo, fará jus ao título acima recordado, que a CNBB lhe outorgou.

Em sua emeritidade, ele se tornou, de fato, um baluarte da fé. Em breve, poderemos ler suas palavras, ouvindo carinhosamente o avô a nos educar no seguimento de Cristo e da Igreja e a afirmação do Eclesiástico, proclamada na liturgia do dia de seu falecimento, ganhará, para nós, fecunda atualidade e especial colorido: " façamos o elogio dos homens ilustres, nossos pais..." (44,1). Vale a pena conferir o livro que será lançado: A vida se faz história. Dom Geraldo Lyrio Rocha: memória e testemunho.

### Bispo com estilo sinodal

Na impossibilidade de resumir, aqui, o rico legado de Dom Geraldo, gostaria de acenar apenas para um traço característico de sua atuação pastoral em Mariana. É justo recordá-lo como o bispo que nos ajudou a assimilar, por antecipação, a proposta do Papa Francisco de uma Igreja onde pastores e fiéis caminham juntos, na escuta recíproca e na busca da comunhão e da participação, em favor da missão.

Estamos na preparação imediata para a 30ª Assembleia Arquidiocesana de Pastoral, que fez um percurso procurando envolver todas as instâncias desta Igreja Particular, começando pelas comunidades, no esforço de avaliar, refletir e definir prioridades da ação pastoral para prosseguir a caminhada, vencendo os desafios e valorizando a aprendizagem do tempo da pandemia. É momento de "ouvir o que o Espírito diz à nossa Igreja" e de potencializar o que temos de melhor para contribuir positivamente com a construção do Reino de Deus.

O próprio método e o tema da assembleia se tornam uma homenagem póstuma à figura de Dom Geraldo, que sempre incentivou a dinâmica sinodal. Com seu jeito de ser pastor, valorizou as várias instâncias eclesiais de organização e representatividade. Priorizou a comunhão e a participação na busca de decisões colegiais.

Durante os onze anos de seu ministério na Arquidiocese, vários subsídios pastorais foram elaborados, a partir da metodologia de uma ampla consulta às bases e discussão das questões em todos os níveis. Ele estava convencido de que as pessoas se sentem mais comprometidas em implementar as linhas de ação quando têm oportunidade de participar do processo. Isso influenciou positivamente nossa caminhada pastoral, fomentando a comunhão e orientando os esforços das lideranças na busca de objetivos comuns.

### Herança preciosa

A morte recente de Dom Geraldo convida-nos a refletir sobre a responsabilidade eclesial que pesa sobre nossa Igreja Particular, diante de uma história tão bela e tão rica, escrita com o testemunho luminoso de incontáveis cristãos abnegados, pessoas consagradas e pastores que se doaram generosamente no compromisso evangelizador e na santidade de vida, ao longo de tantos séculos.

Importa saber interpretar todo esse legado e tomá-lo como inspiração para enfrentar os desafios que a missão continua a nos apontar, exigindo de nós fidelidade ao essencial, discernimento nas opções pastorais e criatividade na busca de alternativas que respondam às necessidades do nosso tempo. Saibamos cultivar a alegria e o entusiasmo com que Dom Geraldo desempenhou sua função, mesmo diante dos incontáveis desafios a ela inerentes. Sua capacidade de estreitar laços de amizade e convivência, seu esforço constante na construção de uma verdadeira unidade no corpo da Igreja também sejam referenciais valiosos para a ação evangelizadora. Que a preciosa herança do querido pastor nos ilumine na realidade atual e nos instigue a manter o olhar fixo na pessoa de Jesus para perseverarmos na vocação e na missão.

# Mês da Bíblia 2023

*“Fomos criados para a unidade, pois somos frutos da Trindade”*



## Carta aos Efésios

**“Vestir-se da nova humanidade!”**

(cf. Ef 4,24)

**Prof. José Lucas Galdino**

Formado em Teologia pela Uninter e mora em Campina Grande, PB

Por volta dos anos 90 depois de Cristo, em meio a diversos sofrimentos que assolavam o povo, uma carta foi escrita. Em meio a perseguições do Império Romano, além de uma cultura dominante que visava o prazer, o ego e a honra, um só elemento seria capaz de fazer com que os cristãos pudessem sentir-se fortalecidos e, deste modo, suportar os sofrimentos: a unidade. Isso não é uma suposição, mas algo mostrado na Carta aos Efésios, que neste ano está sendo estudada em nossas paróquias e comunidades por ocasião do Mês da Bíblia 2023.

Passados quase dois mil anos, as dificuldades e perseguições continuam e as culturas que difamam a dignidade humana a cada dia crescem. Por outro lado, inspirado pelo Espírito Santo, o nosso Papa Francisco traz a nós o tema da sinodalidade, isso é, o caminhar junto. Assim como para as dificuldades daquele tempo a unidade foi remédio, solução e antídoto,

isso vale para hoje. Só com unidade, com sentir-se pertencente à Igreja é que conseguiremos avançar, evangelizar, anunciar Jesus.

Pensando em nossa caminhada sinodal, o que a Carta aos Efésios pode nos ensinar? Tendo como trecho principal da carta os versículos de 1 a 16 do capítulo 4, o tema Igreja, foco principal da carta, ganha um relevo ainda mais interessante. Aqui, o autor sagrado exorta o povo a andar de modo digno da vocação à qual foram chamados: “Exorto-vos, pois, eu, o prisioneiro do Senhor, a andardes de modo digno da vocação a qual fostes chamados” (Ef 4, 1). Não basta apenas ter uma vocação ou mesmo compreender-se vocacionado, é necessária a vida prática, o agir!

Para orientar tal agir, o autor bíblico elenca virtudes que visam auxiliar tal realidade. Cito duas: a humildade e o conservar a unidade. (Ef 4, 2-3) A humildade, permite-nos compreender quem de fato somos. Como já nos lembra Santa Teresa de Ávila, “a humildade é a verdade”. Assim, ser humilde consiste em ter consciência sobre quem sou, meus limites e,

acima de tudo, meu chamado. No contexto eclesial, a humildade nos auxilia a entender que acima de tudo somos Corpo de Cristo, não cabe o meu querer, o meu desejo, o meu modo... Na Igreja o pronome eu acaba transformando-se em nós. Já o conservar a unidade, recordemos que conservar vem no mesmo sentido de guardar, termo esse usado no Antigo Testamento no contexto de Guardar os Mandamentos. Ora, tal utilização indica não deturpar, não permitir com que o sentido se perca, não permitir que influências externas alterem seu sentido. Pensemos: quantos ventos contrários acabam chegando até nós que visam destruir a unidade? E quantas propostas surgem que não colocam o Cristo como centro, as quais não auxiliam na construção da unidade? Não são técnicas que geram a unidade, mas a experiência com o Ressuscitado!

No texto, ainda são apontados sete fundamentos para a unidade: o Corpo, o Espírito, a Esperança, o Senhor, a Fé, o Batismo e Deus (Ef 4, 4-6). Da unidade desses, surge a unidade da Igreja. Em síntese: o

fundamento da unidade é o Pai e, por conseguinte, a unidade da Trindade. Não buscamos a unidade por mero capricho ou porque “faz sentido”, mas devido à compreensão de que somos corpo de Cristo, o qual é um com o Pai e o Espírito Santo. Fomos criados para a unidade, pois somos frutos da Trindade.

Mas como ser um em meio a tantas diversidades e ministérios? No versículo 11 nos são apresentados ministérios: apóstolos, profetas, evangelistas, etc. Onde está, portanto, o fundamento da unidade em meio a uma diversidade de serviços e carismas? A resposta está no próprio versículo: “É ele (Deus) que concedeu...” (Ef 4, 11). Na Igreja, independente do carisma, do serviço, o chamado vem de um só Deus. Embora muitos, a fonte do chamado é única.

Voltemos nosso olhar para a Trindade. Que a exemplo desta comunidade de amor, entendamos que o nosso ser diferente, implica em complementaridade, ao invés de divisão. Busquemos conservar a unidade, entendendo que a mesma só é alcançada em nosso Senhor Jesus Cristo.

# Monsenhor Horta

## PAI CARIDOSO E EXEMPLO DE FÉ

Tendo completado 90 anos de seu falecimento em 30 de março de 2023, devotos almejam a sua beatificação

Thalia Gonçalves

“Não quero em meu sepulcro mausoléu que o meu nome recorde, mas a Cruz que foi no meu caminho para o céu, a guia que segui, após Jesus”. Cravada em sua lápide, essa frase expressa o desejo do Servo de Deus, Monsenhor José Silvério Horta, de que, em sua passagem da vida terrena para a celestial, não reservassem a ele um grande monumento, mas que deixassem o seu corpo repousar na simplicidade, a mesma com a qual levou a vida.

Nascido em 20 de junho de 1859, na Fazenda do Monte Alegre, atual município de Barra Longa (MG) e à época pertencente à Mariana (MG), José Silvério Horta foi o primogênito dos seis filhos do casal José Caetano Ramos Horta e Ana Jacinta Gomes de Figueiredo Horta.

Desde a infância, o Servo de Deus experienciou na própria pele as dores e dificuldades que a vida reserva a alguns dos seus filhos e, por vezes, realizou sacrifícios para ajudar os seus familiares. Foi o que fez quando postergou o seu objetivo de tornar-se padre para custear as despesas do irmão, o Cônego Antônio Artur Horta, no Seminário de Mariana. Mas não desistiu e, em 3 de julho de 1886, aos 27 anos, o jovem José Silvério foi ordenado presbítero.

Monsenhor Horta doou a sua vida e o seu ministério em prol dos mais necessitados e considerados “às margens da sociedade”. Servindo a Deus na pessoa dos irmãos, “condoeu-se dos pobres e para as suas necessidades nada poupou, aquele que depois de morto, já na posse do céu, nossos corações agradecidos recordam”,

como registraram, em latim e em português, no seu jazigo.

Localizado na Igreja de Nossa Senhora das Mercês, em Mariana, o sepulcro de Monsenhor Horta é visitado por fiéis que vão até o local pedir por sua intercessão e rezar pela sua beatificação. Todos os meses, sempre no dia 20, às 19h, o templo histórico acolhe os devotos do sacerdote marianense para participarem da Santa Missa e Celebração de Exéquias pela alma dos membros da Irmandade de Nossa Senhora das Mercês e pedirem que ele seja elevado à honra dos altares.

### O processo de beatificação e canonização

Ainda em vida, a fama de santidade já era atribuída a Monsenhor Horta, como conta o jovem Leonardo Francisco Santos Ribeiro, membro e mesário da Irmandade de Nossa Senhora das Mercês. Segundo ele, uma das tias de sua avó era afilhada do presbítero, e, por isso, cresceu ouvindo histórias sobre o Servo de Deus e suas ações caritativas, o que o fez nutrir por ele admiração e respeito.

Conforme contado por seus familiares, era comum acontecer de pessoas chegarem até à residência de Monsenhor Horta nos horários das refeições e, mesmo sendo em pouca quantidade, pois o sacerdote morava sozinho ou estava somente na companhia de sua mãe, a comida se tornava suficiente para alimentar a todos. “Com isso, as pessoas foram criando a devoção, pedindo pela intercessão dele e adquirindo graças e graças”, pondera Leonardo.

Ao longo dos anos, Monsenhor Horta foi sendo aclamado popularmente como santo por aqueles que o conheceram, bem como aqueles que propagaram a sua história de vida. Ao constatar essa fama de santidade, Dom Luciano Pedro Mendes de Almeida pediu à Santa Sé, em agosto de 2004, a exigida aprovação para iniciar na Arquidiocese o processo de beatificação e canonização do presbítero. A resposta, recebida em 15 de dezembro daquele ano, foi afirmativa, tendo sido concedido o “*Nihil obstat*” pela Congregação para as Causas dos Santos.

O Tribunal para a fase diocesana do processo, entretanto, só foi instaurado pelo Arcebispo Emérito de Mariana, Dom Geraldo Lyrio Rocha. A sessão solene de instituição aconteceu em 27 de março de 2010, durante a Missa da Unidade e do Crisma, na Catedral de Mariana, tendo como postulador o Cônego Paulo Dilascio, falecido em abril de 2010.

Segundo Monsenhor Roberto Natali Starlino, que foi nomeado Delegado Episcopal para a fase diocesana, foram celebradas 27 sessões, tendo sido colhidos depoimentos de 25 testemunhas. Ele ainda explica que o processo encontra-se, em suspenso, na fase diocesana, uma vez que aguarda o pronunciamento do atual Arcebispo, Dom Airton José dos Santos. À frente da causa como postulador está Paolo Vilotta, que havia sido confirmado por Dom Geraldo.

Para a beatificação, conforme as normas da Igreja, é necessária a comprovação de um milagre alcançado por meio da intercessão do candidato a santo. Venerado como santo ao longo dos anos, fiéis narram histórias de graças alcançadas por intermédio de Monsenhor Horta, como o jovem Victor Guimarães Vidal, morador de Itabirito (MG).

Devoto do Servo de Deus, conheceu a história dele após a sua mãe ganhar um santinho do sacerdote na celebração de uma posse canônica. À ocasião, um dos seus tios sofreu um acidente de trabalho e havia a possibilidade de amputar o dedo de uma das mãos. “Ao ver o desespero da minha mãe, logo sugeri que a gente orasse para Monsenhor Horta”, relata Victor destacando que, por esse intermédio, o tio conseguiu se recuperar e não perdeu o dedo.

Outro episódio recordado por ele ocorreu durante a faculdade. “Eu estava com depressão e sofrendo com



COLEÇÃO MÁRCO EUSTAQUIO

ansiedade. Precisava de uma matéria para me formar, fui ao colegiado e não tinha mais vagas. Como eu andava com o santinho dele na mochila, eu logo rezei para que abrisse uma vaga, e em questão de cinco minutos, ao verificar o sistema novamente, tinha aberto uma vaga, que foi a que utilizei para me formar”, conta Victor. Ele ainda lembra da intercessão do Servo de Deus durante o período de 19 dias em que o seu pai esteve internado no Centro de Terapia Intensiva (CTI), com Covid-19.

### O legado que fica

Monsenhor Natali conta que o sacerdote marianense nasceu debilitado, de saúde frágil, mas que nunca se entregou à dor. “Assumiu a cruz própria da fragilidade humana e das doenças; cruz que para ele era caminho para o céu e não mera teoria ou apologia do sofrimento. Deu sentido ao sofrimento, superando-o em benefício dos irmãos, sendo solidário até o fim”, reitera.

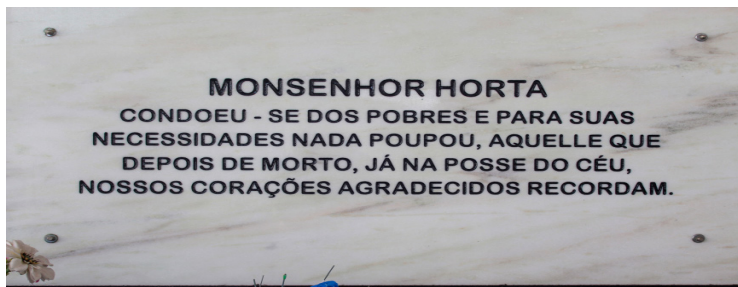
A solidariedade e caridade foram, sem dúvida, legados deixados por Monsenhor Horta que ainda perpetuam na sociedade, especialmente, em Mariana. Inspirados pelas ações do Servo de Deus, os irmãos, Monsenhor Vicente Dilascio e Cônego Paulo Dilascio, criaram, em 1959, as Obras Sociais de Auxílio à Infância

e à Maternidade Monsenhor Horta, atualmente chamada de Obras Sociais Monsenhor Horta.

De acordo com o professor e conselheiro das Obras Sociais, Cristiano Casimiro dos Santos, a ação foi criada inicialmente para ter em Mariana uma atividade de saúde, tendo começado com um posto para atendimentos odontológicos. Em seguida, com o apoio do então Arcebispo de Mariana, Dom Oscar de Oliveira, iniciou-se uma campanha visando a construção de um hospital na cidade, que, posteriormente, recebeu o nome de Hospital Monsenhor Horta.

Com mais de 60 anos de atuação, as Obras Sociais Monsenhor Horta também desenvolveram atividades como a Casa da Sopa Tia Lica, a Creche Casinha de Nazaré e a construção do Lar Santa Maria, ações que marcam o legado e os ensinamentos deixados pelo Servo de Deus na primeira cidade mineira.

“Monsenhor Horta não é importante somente para Mariana. Tenho certeza que sua fama e devoção são muito maiores que a cidade. A forma que [ele] atuou mais diretamente foi em defesa dos mais pobres e de ter uma vida simples e de muita fé. O exemplo dado por ele, de um homem dedicado ao próximo, é uma grande inspiração para todos”, declara Cristiano.



THALIA GONÇALVES

